



## **UM “DIABO LOIRO” NO COMANDO DA LEOPOLDINA: Atividade do Sindicato dos Ferroviários em Campos dos Goytacazes sob a liderança de Jacyr Barbeto**

**Mariana Mendes Christo**  
Universidade Federal Fluminense  
marianachristommc@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

No presente artigo procurarei demonstrar a atuação do Sindicato dos Ferroviários campista no cenário do pré-golpe de 1964 até o período de redemocratização. Em um primeiro momento, falarei sobre a importância da história Oral e Local e da dificuldade que o historiador encontra em realizá-la. Em segundo lugar, tratarei um pouco do que foi, em geral, a atuação dos sindicatos neste período a partir de leituras feitas de Marcelo Badaró Mattos. Em terceiro ponto, a partir das análises feitas de documentos do Departamento Autônomo de Ordem Política e Social (DOPS)<sup>1</sup>, depoimentos do ex-ferroviário Fernando Tavares Machado e de Tânia Barbeto (filha de Jacyr Barbeto também ex-ferroviário, delegado do sindicato dos ferroviários e vereador cassado em 1964), e juntamente com a leitura do livro “História do Partido Comunista em Campos, Memórias de um Partido Revolucionário”, escrito por Delso Gomes, militante do Partido Comunista e rodoviário atuante no período, mostrarei que o Sindicato dos Ferroviários era um dos mais fortes no município neste momento. O Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina, era um dos que mais realizava

---

<sup>1</sup> O Departamento Autônomo de Ordem Política e Social (DOPS), do Rio de Janeiro, sofre transformações em sua nomenclatura e subordinação às secretarias do Estado entre o período de 1934-1975. Em 1934, através do decreto nº 3137 de 27 de setembro teve seu embrião subordinado à Inspeção Geral de Segurança Pública. Em 1938, é criada a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Através da lei nº 5454 de 27 de novembro de 1964, é criado o Departamento de Polícia Política e Social (DPSS) subordinado à Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Já em 1971, o antigo DPSS é transformado em Departamento Autônomo de Ordem Política e Social (DOPS). Com sua extinção em 1975, o Departamento Geral de Investigações Especiais (DGIE) foi o responsável por absorver os órgãos de polícia política e manter suas atividades até 1983. É por esse motivo, que ao longo deste artigo utilizo nomenclaturas diferentes, as quais estão relacionadas com a fonte trabalhada.

Para mais informações: APERJ, Departamento Autônomo de Ordem Política e Social. Disponível em: <[http://www.aperj.rj.gov.br/g\\_dep\\_aut\\_ord\\_pol.htm](http://www.aperj.rj.gov.br/g_dep_aut_ord_pol.htm)> Acesso em: 05/07/2016.



greve, manifestações, e pedidos de melhorias nas condições de trabalho. Tal sindicato, não atuava somente em prol dos ferroviários, mas também em ajuda a outras categorias como a dos trabalhadores de usinas, as Ligas Camponesas do Imbé, trabalhadores dos hospitais e de água e luz, o que comprova sua grande participação no município de Campos. Não poderia deixar de falar de Jacyr Barbeta. Ex-ferroviário, delegado do sindicato, militante do partido comunista e vereador cassado em 1964, Jacyr era peça fundamental para toda a articulação sindical do município. Considerado como “testa de ferro”, assim como “diabo loiro”, do comunismo em Campos e altamente subversivo para o governo revolucionário, a atuação do Sindicato dos Ferroviários está extremamente ligada à sua vida política.

#### I- HISTÓRIA ORAL E LOCAL

Para iniciar este tópico, gostaria de começar com uma citação de Ecléia Bosi, que diz assim: “A narrativa mostra a complexidade do acontecimento” (BOSI,2003:19). Acredito que através das narrativas colhidas, possa conseguir mostrar a complexa participação do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina em Campos dos Goytacazes.

Trabalhar com a memória oral é dar voz aos velhos, negros, mulheres, trabalhadores manuais e camadas da população que foram excluídos da história tradicional ensinada nas escolas. Esse tipo de história está preso a documentos oficiais, e por esse motivo, segundo Bosi (2003:15), não dá conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. Nos dois depoimentos concedidos por Tânia Barbeta e Fernando Tavares Machado, é impossível não perceber a exposição constante de emoções; suas falas puderam colocar o ouvinte inserido dentro da perspectiva do que foi o contexto de lutas e repressão vivido no período anterior e posterior ao golpe em Campos.

A memória dos velhos (BOSI,2003:15) seria um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado, um intermediário informal da cultura. No caso deste artigo, por a temática não ser muito trabalhada regionalmente, e por não haver fontes secundárias o suficiente, os personagens ouvidos foram cruciais para o entendimento da atuação sindical campista por um outro viés, além dos documentos da Polícia Política.



É incrível perceber que quando se trata de memória, não se encontra um discurso linear, homogêneo, com uma ordem cronológica: os entrevistados lembram do que foi mais marcante, e ao falarem, não se preocupam com a linearidade, com a sequência correta dos fatos. Cabe a nós deixá-los falar e absorver desse discurso irregular todas as suas peculiaridades. “Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época” (BOSI,2003:18).

Segundo Bosi (2003:64-65), as hesitações e as rupturas dos discursos dos idosos, não são vazios; para ela, podem ser trabalhos da memória. Uma fala que é emotiva e fragmentada é cheia de significações que nos aproximam da verdade. Ponto importante também a se destacar é que a inexatidão de um testemunho não o invalida. E completa: “ A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Este tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos ” (BOSI, 2003:66). Na ocasião das duas entrevistas, a lembrança das datas quase sempre não acontece. Em alguns questionamentos sobre: *Quando foi isso? Quando ocorreu?* Fernando Tavares Machado recorria a lembrança de seu amigo Delso Gomes, que estava presente no local.

Em um certo momento do depoimento de Tânia Barbeta, ela fala sobre como é triste a memória de um passado de lutas em Campos estar se perdendo. Sua fala pode ser combinada ao que Ecléia Bosi diz: “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.

Que este artigo possa contribuir como resgate da memória de um período tão rico da história dessa cidade; período de um sindicalismo forte, lutas partidárias e sociais. As vozes das testemunhas são guias para uma pesquisa em história local, e realmente, foram minhas guias em toda pesquisa.

## II- TRABALHADORES E SINDICATOS: UM PANORAMA GERAL

Uma das fases mais dinâmicas do movimento operário brasileiro é o período entre a segunda metade dos anos 1950 e primeiros anos da década de 1960 em que se



tem grandes saltos no número de paralizações. “Especialmente nos anos de 1960, a importância política dos trabalhadores e dos sindicatos foi enorme e suas propostas para as grandes questões nacionais eram necessariamente debatidas pelo conjunto da sociedade” (MATTOS, 2009:77).

Segundo Mattos (2009:78), para tratar desse período é necessário estar atento a quatro conjunturas diferentes: a primeira seria a retomada das lutas no processo de redemocratização (1945-1946); a de repressão aberta nos anos finais do governo Dutra (1947-1950); a fase da retomada das direções sindicais por setores mais combativos e de surgimento das greves (no segundo governo Vargas e primeiros anos do governo JK) e a conjuntura das grandes mobilizações do início dos anos de 1960.

No período de declínio do Estado Novo e de redemocratização, houve a retomada efetiva das atividades sindicais: 873 sindicatos foram criados até 1945 e, em 1946 criaram-se mais 66. Trabalhadores que eram filiados a sindicatos em 1945 somavam 474.943, passaram em 1946 a contar 797.691 (MATTOS, 2009:79). Neste momento as lideranças comunistas buscam aliados fora do PCB (Partido Comunista Brasileiro) para criar uma organização intersindical à revelia da legislação.

É em 1946, no Congresso Sindical dos Trabalhadores do Brasil, que se cria a confederação dos trabalhadores do Brasil (CTB), pedindo autonomia dos sindicatos frente ao Ministério do Trabalho. Em 1947, no governo Dutra, seguindo o fechamento do PCB, a CTB e as uniões sindicais estaduais foram também fechadas. O governo promove intervenções em mais de 400 entidades. Inicia-se, assim, uma nova fase de repressão aberta ao sindicalismo mais combativo.

A polícia política montada na ditadura do Estado Novo mantinha vigilância e repressão constante sobre organizações e militantes sindicais. Segundo Luciana Pereira, em 1947 no governo Dutra, a polícia política carioca produziu 56 mil fichas de suspeitos de comunismo, efetuou 3 mil prisões e 15 mil “visitas” de investigadores a sindicatos (APUD MATTOS, 2009:82). Durante esse período, vários movimentos grevistas foram registrados como o dos portuários de Santos, dos ferroviários em várias de suas mobilizações e dos têxteis paulistas. Nos anos finais do Governo Dutra, marcados por intervenção e legislação que limitava o direito de greve a situações

excepcionais, ocorre uma exceção de um pequeno surto grevista em 1948 com uma paralização dos ferroviários da Leopoldina, dando início ao processo de nacionalização da empresa e algumas greves por reajuste salariais nos Estados. O retorno de ações desse tipo só seria possível em 1951, já durante o segundo governo Vargas.

De acordo com Mattos (2009:91), entre meados da década de 1950 e o golpe de 1964, pode-se perceber uma fase de ascensão do movimento sindical. O autor mostra alguns índices como o crescimento do número de greves; visibilidade dos sindicatos na opinião pública; participação destes na formulação de pautas políticas para o país e constituição de organismos intersindicais. No Brasil como um todo, durante esse período, o percentual de trabalhadores sindicalizados, em torno de 6,11% da população economicamente ativa, era muito baixo, embora houvesse exceções no sindicalismo carioca. Se destacam, pela possibilidade de alto grau de representatividade os sindicatos dos bancários, metalúrgicos e ferroviários, os últimos com um índice de sindicalização de 85% (17 mil sindicalizados para 20 mil trabalhadores na base) (MATTOS,1998:26). Neste período ocorre também uma dinamização das atividades sindicais decorrente de um processo, generalizado, de renovação de lideranças. Por mais que não haja homogeneidade nos dados sobre o número de paralizações e de trabalhadores em greve, pode ser confirmado por todas as estatísticas o crescimento constante de mobilizações grevistas entre o fim da década de 1950 e o ano de 1963 (MATTOS,2009:94).

### III- ATUAÇÃO DO SINDICATO FERROVIÁRIO, COMO SINDICATO REGIONAL EM CAMPOS DOS GOYTACAZES SOB A LIDERANÇA DE JACYR BARBETO

Gostaria de dar início a este tópico com alguns pontos sobre o que foi o Sindicato dos Ferroviários carioca:

O Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina, Rio de Janeiro, liderado por Batistinha, privilegiava as condições de trabalho, pois estas poderiam ser as chaves para a mobilizar os trabalhadores para as demandas mais gerais. As greves poderiam ter naturezas diferentes de reivindicações: por direitos de organização e de solidariedade são os exemplos de greves dos ferroviários. Na primeira, em outubro de 1954, 14 mil trabalhadores reivindicavam salário e fim da intervenção no sindicato. A segunda



natureza, solidariedade, mostra, segundo Mattos (2004:252), que a estrutura sindical não conseguiu compartimentar as lutas da classe trabalhadora dentro de sua própria categoria: é o caso da greve nacional dos ferroviários em solidariedade aos companheiros da Sorocaba e da greve dos ferroviários da Leopoldina em 1960 em apoio a greve dos funcionários da prefeitura de Macaé.

Minha intenção, ao fazer isso, é mostrar que o Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina com uma atuação mais regional, ou seja, no caso que será analisado com atuação em Campos dos Goytacazes, não se distanciava das características do sindicato carioca. O que Mattos diz, embora mais geral, também serve para caracterizar o sindicato campista, de que os ferroviários tinham um modelo de sindicalismo forte entre os trabalhadores do Estado. Embora não tivesse sua trajetória facilitada pela ausência de repressão, os ferroviários foram os campeões nas greves do período. (MATTOS,1999:91).

Para falar de sindicato é necessário mencionar o Partido Comunista (PCB), já que o sindicalismo campista esteve marcado pela sua influência. Em 1929, com todo o contexto da crise financeira e econômica mundial, chega a campos Octávio Brandão, que dá os primeiros passos para a organização do Partido Comunista do Brasil em Campos. No início da década de 1930, o partido já funcionava como organização política centralizada.

Após o movimento revolucionário de 1930, Getúlio Vargas assume o poder. Nesse momento, começa a luta pelo reconhecimento oficial dos sindicatos. O PCB em Campos começa a crescer, principalmente após a notícia de que a direção nacional do partido entrou em contato com Luiz Carlos Prestes no exterior.

Em Campos, o partido procurou estruturar a célula de empresas bairros, entre elas direcionou seu trabalho para a estrada de Ferro Leopoldina. Com as constantes visitas dos Comitês Nacional e Estadual, o partido em Campos se fortalece, aumentando o número de filiações dia a dia. Segundo Gomes (2000:53), “na Leopoldina a célula cresceu continuamente e passou a ser força respeitada no movimento comunista da nossa terra, com grande potencial político”.

Segundo Tânia Barbeto<sup>2</sup>, a ferrovia em Campos era um dos setores que mais empregavam. Nesse sentido a Estação Ferroviária era muito movimentada. A maioria das pessoas em Campos trabalhava na rede ferroviária. O restante da população se dividia entre as usinas e o comércio, que segundo ela era fraco. Nesse momento, o Sindicato Ferroviário era muito atuante, havendo aulas de corte e costura, atendimento médico, Baile de carnaval, passeata na rua e comício.

Seu depoimento se confirma através de Fernando Tavares Machado<sup>3</sup>, que diz que a cidade era muito politizada no pré-golpe. Antes do golpe, faziam passeatas e tinham liberdade para se expressarem. Não havia repressão. Segundo Sr. Fernando Machado, os sindicatos mais fortes eram dos ferroviários, marítimos e portuários, e que era comum os sindicatos campistas se reunirem em busca de melhorias para a classe. Reuniam-se bancários, ferroviários, rodoviários, estudantes e trabalhadores de usina.

Natural de Campos, Sr. Fernando Machado conta que trabalhou na Leopoldina de 1957 a 1982, ano em que foi demitido por estar envolvido no movimento sindical. O motivo que o levou para atividade sindical é que a ferrovia precisava de melhorias, e só se conseguia melhorias quando os trabalhadores se organizavam. Segundo ele, não havia muita segurança para os trabalhadores de trem, muita gente morria.

Algumas das greves dos ferroviários são citadas por Delso Gomes: Em janeiro de 1946, estoura uma greve nas oficinas Carangola, da Leopoldina, em Guarus, por não ter sido pago o abono de Natal. O movimento foi orientado pela célula do PCB, pressionando o sindicato com a atuação dos líderes Celso Torres e Barreto Gomes (2000:57). No mesmo ano, de caráter regional e de repercussão nacional, é outra greve dos ferroviários da Leopoldina, que tem duração de 5 dias (2000:58). Em 1947, mais uma movimentação dos ferroviários é registrada: os ferroviários protestam contra os preços altos dos gêneros de primeira necessidade, que eram vendidos no armazém da empresa e que funcionava ao lado da estação da Campos Carga; exigem a construção de moradias e melhores condições de trabalho (2000:68). Em fevereiro de 1948, mais uma greve na Estrada de Ferro Leopoldina: a polícia efetua prisões e coage os ferroviários.

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao LAHPOC (Laboratório de História Política e Social) em 2014. Tânia Barbeto é filha de Jacyr Barbeto.

<sup>3</sup> Entrevista concedida em 2014. Fernando Tavares Machado é ex-ferroviário e militante do Partido Comunista.



Para as autoridades, a greve é ilegal; o delegado do DOPS (Divisão de Ordem Política e Social) se desloca do Rio de Janeiro para Campos, e intima a depor na Delegacia de Polícia vários ferroviários, entre eles, Celso Torres, o vereador Barreto Gomes e Adão Valoch. Em 1949, foi entregue aos ferroviários - atendendo suas antigas reivindicações, sobressaindo os líderes Celso Torres e Barreto Gomes - pela Caixa de Previdência Social (CAPFESP) um conjunto de casas no bairro emergente na época, Parque Leopoldina, e também uma nova oficina, anexa a nova estação de passageiros, desativando, assim, a antiga oficina da Carangola em Guarus (2000:68).

Após 64, o sindicato ficou amordaçado. Para encobrir a militância política, para ter uma atividade mais legalizada, criam o Grêmio Recreativo dos Ferroviários. Se faziam bailes, festas, e dentro dele faziam política. Utilizavam o grêmio para ajudar o PCB financeiramente. Grande parte das pessoas que participava das festas não sabiam da atuação do partido no lugar. Mais tarde a polícia acaba por fechar o Grêmio.

Sr. Fernando foi cassado e demitido. Foi preso em 1972 por causa da divulgação do jornal “A Voz Operária”. De 1964 a 1972 nada aconteceu com ele, pois em 1964 tinha uma participação mais discreta e mais sindical. Ele entra no partido em 1967 por influência de Jacyr Barreto.

Jacyr da Silva Barreto era filho de Monclar Barreto e Maria da Silva Barreto, natural de Minas Gerais, Além Paraíba, nasce em 11 de abril de 1926. Pobre, filho de lavadeira e pedreiro, foi trabalhar na rede ferroviária bem novo, ingressando na Estrada de Ferro Leopoldina Railway em 1942 em sua cidade natal. Chega a Campos em 1950. Entra para o partido no dia em que viu Prestes sair da prisão e foi no partido que teve sua formação cultural.

Considerado “testa de ferro” do comunismo na região Norte Fluminense, ferroviário, mecânico da ferrovia, delegado do sindicato e vereador cassado em 1964, Jacyr foi peça fundamental para a articulação do PCB em Campos e da forte atuação do sindicato dos ferroviários nesta cidade. Participou de várias greves como a da Santa Casa de Campos, da Prefeitura Municipal, das Usinas de Açúcar, da Água e Esgoto, dos bancários, da limpeza pública urbana, da Leopoldina, dos motoristas de coletivos, dos lavradores de cana, dos Serviços industriais do Norte do Estado (SINE). Em uma delas

800 trabalhadores da Usina Santa Cruz, no Imbé (Município de Campos) fizeram uma greve de três dias, paralisando a fábrica e a lavoura começando no dia 26 de fevereiro de 1964, exigindo a readmissão de 9 companheiros seus que foram demitidos arbitrariamente pela empresa, o que mostra como o sindicato dos ferroviários não se limitava as suas próprias reivindicações. Fez agitações também no Imbé, lugar onde preparava grupos guerrilheiros para ajudar a revolução vermelha no Brasil<sup>4</sup>.

Na ocasião da Revolução de 31 de março de 1964, Jacyr Barbeta desejava fazer uma greve geral de todos os ramos industriais, comerciais e de transportes. Segundo documento do APERJ<sup>5</sup> (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro), um caminhão de comunistas acompanhado por vasta massa de operários e lavradores, andou pela cidade pregando apoio à Jango e Brizola. Após a “Revolução”, Jacyr esteve três ou quatro vezes no Imbé, fazendo promessas aos lavradores e camponeses de que as coisas iriam melhorar.

Jacyr se candidata a vereador duas vezes e somente na segunda, em 1962, consegue se eleger sendo o vereador mais votado do município. Sugeriu que os trabalhos da Câmara se realizassem a noite e que os subsídios dos vereadores seriam entregues ao prefeito para reestruturar o quadro de professoras primárias da prefeitura; além disso, denunciou diversas irregularidades da administração passada. Por esses motivos, passou a ser hostilizado por seus pares. Passou a ser bastante odiado pelos proprietários de Usinas que circundavam Campos.

Em um dos comícios dos candidatos populares realizado em 1 de agosto de 1954, segundo o investigador Nicolau do Vale Francisco<sup>6</sup>, às 19 horas na praça São Salvador em Campos, teve natureza nitidamente subversiva, reunindo a ralé da cidade e não se encontrava ninguém de posição social definida. Jacyr, que era candidato a vereador pelo PSP (Partido Social Progressista) na ocasião, em seu discurso diz que a Rússia era o melhor país do mundo, e que o presidente Vargas está vendido aos trustes americanos. No discurso dos demais presentes, critica-se a polícia fluminense, que está

---

<sup>4</sup> Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário RJ, pasta 21259

<sup>5</sup> Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário RJ, pasta 21259

<sup>6</sup> Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário RJ, pasta 21259



prendendo seus companheiros e os espancando, além de dizer que o governador Amaral Peixoto está reduzindo o povo fluminense a miséria.

José Raimundo de Carvalho, investigador do DOPS, relata ter sofrido represálias e perseguição o senhor Floriano L. da Silva, por ter feito permuta com Jacyr Barbeta. Nesta ocasião, Jacyr foi transferido da Estação do Saco em Campos, para Trajano de Moraes. O investigador diz que conforme as informações colhidas, estava-se querendo a volta do ajustador Jacyr, considerado um dos líderes e orientadores da célula comunista dos ferroviários campista, para Campos dos Goytacazes<sup>7</sup>. Isso mostra o quanto a figura de Jacyr era necessária a estrutura sindical Campista.

Após o golpe de 1964, o temor de um comunismo que poderia ameaçar a segurança do regime está expresso na documentação da APERJ<sup>8</sup>. Desde 1954, o sindicato e seu líder Jacyr estavam sendo acompanhados de perto pela polícia política.

Jacyr Barbeta viaja à União Soviética em abril de 1954 para assistir as comemorações do 1º de Maio, o que para o informante, representa certa subordinação a Organizações Internacionais. Esta viagem de Jacyr, foi confirmada por sua filha Tânia. Ela acredita que o pai tenha ido a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) mais de uma vez. Em ocasião da viagem de Jacyr à União Soviética em 1954, falou ao microfone da rádio de Moscou declarando que “Vim a União Soviética com o objetivo principal de ver com meus próprios olhos como vive o trabalhador soviético. Felizes os vê por ocasião do desfile de 1º de Maio”. Quando volta, concede entrevista ao jornal Imprensa Popular elogiando o modo de vida dos trabalhadores soviéticos, suas vantagens, habitação, e tudo o que se refere a vida desse trabalhador<sup>9</sup>. Com certeza, essa declaração dada pelo ferroviário, assustou o governo e contribuiu para seu acompanhamento constante pela polícia política.

Em 8 de abril de 1964, a Câmara Municipal de Campos faz uma petição que resulta na cassação do mandato legislativo do vereador Jacyr da Silva Barbeta, “por estar implicado em movimento subversivo de caráter comunista que tinha por objetivo a

---

<sup>7</sup> Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário RJ, pasta 21259

<sup>8</sup> Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Sindicatos, pasta 2, folha 4-8

<sup>9</sup> Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário G3, pasta 45829



instalação no país de um regime de exceção”<sup>10</sup>. Foi o único vereador cassado no município de Campos em 6 de junho de 1964 – era do PSP (Partido Socialista Progressista). Foi preso em 18 de abril e encaminhado a Niterói em 28 de abril de 1964 e foi solto em 4 de junho de 1964. Essa teria sido uma das primeiras prisões de Jacyr. Em depoimento, sua filha Tânia Barbetto diz que depois da revolução, foi preso 42 vezes, segundo ele, mas nunca contava sobre as torturas<sup>11</sup>. Tinha uma hérnia de disco em consequência do pau de arara. Ficou com problema em um dos pés e por isso, tinha dificuldade em dirigir. Jacyr teve sequelas emocionais e motora. Segundo ela, incomodava a câmara porque o “anarquista estava imbuído de poder”.

Em documento de 25 de janeiro de 1965<sup>12</sup>, um informante declara que Jacyr está fazendo reuniões secretas em lugares variados. Nestas reuniões, Jacyr estaria recebendo dinheiro coletado entre os ferroviários, um montante de 400 mil cruzeiros para pagamento dos serviços de um advogado, a afim de encaminhar um mandado de segurança contra a sua cassação de mandato de vereador campista, o que seria causa ganha, já que a Câmara cassou seu mandato de acordo com o artigo 10 do Ato Institucional nº I e não nas condições do regimento interno, pois dessa maneira, não foram cassados seus direitos políticos. Mas, na documentação analisada foi encontrada uma declaração assinada por Jacyr em que diz que desiste da ação intentada contra a Câmara Municipal de Campos para resgatar seu mandato de vereador, juntamente com a cópia da Certidão Probatória que confirma a declaração.

Consta na documentação da polícia política, que Jacyr teria se apropriado de vultosa quantia de cinco milhões de cruzeiros pertencente ao Sindicato dos Ferroviários; e que solicitou asilo à Embaixada de Cuba no Brasil<sup>13</sup>. Jacyr teria conhecimento de armas em Campos, por ocasião da revolução e sabia do paradeiro das mesmas. Seria também sócio de uma gráfica em Duque de Caxias, local onde eram confeccionados

---

<sup>10</sup> Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário RJ, pasta 21259

<sup>11</sup> Entrevista concedida ao LAHPOC (Laboratório de História Política e Social) em 2014. Tânia Barbetto é filha de Jacyr Barbetto.

<sup>12</sup> Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário RJ, pasta 21259

<sup>13</sup> Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário RJ, pasta 21259



todo o material de propaganda subversivas e livros sobre o comunismo internacional, e distribuidor do jornal comunista “Democracia Popular”<sup>14</sup>.

No cenário da subversão ainda aparece um ex-ferroviário de nome Jacyr Barbeto, o qual atuou intensamente nos movimentos subversivos ocorridos em Campos, ocasião em que manobrava o pessoal da estrada de ferro, promovendo greves e mais greves. (APERJ, Assessoria Jurídica, setor Secreto, pasta 151, folha 95)

Este documento do DPPS, acima citado, também refere-se a Jacyr e Jamir Barbeto (seu irmão), como antigos ferroviários e agitadores perigosos no Município de Campos, e que se teria encontrado com Jacyr, no momento da Revolução, uma relação de elementos que seriam fuzilados em praça pública no município, se o Regime Comunista fosse vitorioso.

Anos mais tarde, Jacyr foi nomeado pelo então governador Leonel Brizola em seu primeiro mandato (1983/1986) como diretor da 2ª **Ciretran**<sup>15</sup> em Campos. Segundo Tânia Barbeto, ele tinha uma função: Brizola o coloca aqui para estruturar o PDT na cidade. Após descobrir irregularidades no DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito) como propina e funcionários fantasmas, sua filha diz que foi por esse motivo que em 1987 Jacyr foi assassinado em um acidente de carro.

### 3-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o Sindicato dos Ferroviários Campista, com a figura de Jacyr Barbeto como principal articulador, foi um dos mais importantes e mais fortes no movimento contragolpe em Campos. Torna-se necessário levar em consideração, que as informações acima apresentadas precisam ser ainda mais questionadas, já que este artigo tem o intuito de introduzir uma discussão sobre o que foi o papel do Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina e também de Jacyr no cenário do pré-golpe. É importante ainda salientar que a maioria das fontes utilizadas foram documentos oficiais do governo da época e que podem estar “exagerando” sobre a atuação dos dois sujeitos analisados.

---

<sup>14</sup> Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário G3, pasta 45829

<sup>15</sup> São unidades subordinadas ao [Detran RJ](#). Elas estão localizadas nas cidades do interior do estado do Rio de Janeiro e possuem as mesmas atribuições da sede oficial do Detran.



Concluo, então, com a opinião de Tânia Barbeto, da qual compartilho sobre a memória da região, de que esse momento da história de Campos se perdeu porque o país não tem memória, e que não lembrar desse momento faz a vida de Jacyr, e de muitos que lutaram no período, ter sido em vão. Espero que este artigo possa ter sido o início do resgate dessa memória de lutas em Campos dos Goytacazes.

#### 4-REFERÊNCIAS

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário, pasta 21259.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Prontuário G3, pasta 45829.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Secreto, pasta 151, folha 95.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Assessoria Jurídica, setor Sindicatos, pasta 2, folha 4-8.

#### ENTREVISTAS:

Entrevista com Fernando Tavares Machado em 2014.

Entrevista com Tânia Barbeto concedida ao LAHPOC (Laboratório de História Política e Social) em 2014.

#### BIBLIOGRAFIA:

APERJ, Departamento Autônomo de Ordem Política e Social. Disponível em:<[http://www.aperj.rj.gov.br/g\\_dep\\_aut\\_ord\\_pol.htm](http://www.aperj.rj.gov.br/g_dep_aut_ord_pol.htm)> Acesso em: 05/07/2016.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

GOMES, Delso. **História do Partido Comunista em Campos, memórias de um partido revolucionário**. Campos dos Goytacazes: Jornal Dois Estados Gráfica e Editora, 2000.

Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Imprensa Popular - 1951 a 1958 – PR\_SPR\_00175\_108081, Edição 01762, “Ladrões e Policiais Dirigiam o Sindicato”, p.6

MATTOS, Marcelo Badaró. Greves, sindicatos e repressão policial no Rio de Janeiro (1954-1964). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24, nº47, p.241-70, 2004. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000100010&script=sci_arttext)>.

II CONGRESSO INTERNACIONAL  
**CALEIDOSCÓPIO**  
DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

05 a 08 de junho de 2017 - Campos dos Goytacazes - RJ - Brasil

MATTOS, Marcelo Badaró. Trabalhadores e sindicatos na conjuntura do pré-64: a experiência carioca. **Revista Lutas Sociais**. São Paulo, nº5, p.25-33, 1998. Disponível em:< <http://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18880/14031>>.

MATTOS, Marcelo Badaró. Trabalhadores e sindicatos na conjuntura do pré-64: a experiência carioca. **Revista Lutas Sociais**. São Paulo, nº6, p.83-96, 1999. Disponível em:< <http://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18881/14032>>.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

O Rio de Janeiro, DETRAN-RJ. Disponível em:< <http://www.oriodejaneiro.com/detran-rj-htm/>>Acesso em: 05/07/2016.